

I ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

UMA CIDADE EM ESCAVAÇÃO

Teatro Aberto
26, 27 e 28
Nov. de 2015

I ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

UMA CIDADE EM ESCAVAÇÃO

Teatro Aberto
26, 27 e 28
Nov. de 2015

Lisboa, 2017

Título:

*/ Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação
(Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*

Coordenação editorial:

Ana Caessa

Cristina Nozes

Isabel Cameira

Rodrigo Banha da Silva

Design gráfico do Encontro:

João Rodrigues, Ana Filipa Leite

Design gráfico e composição do Livro de Resumos e das Atas:

Rui Roberto de Almeida

Edição:

CAL/DPC/DMC/CML

Centro de Arqueologia de Lisboa / Departamento de Património Cultural /

Direção Municipal de Cultura / Câmara Municipal de Lisboa

Impressão:

Livro de Resumos - Imprensa Municipal / Câmara Municipal de Lisboa

CD Atas - MPO (Portugal)

Tiragem: 450 exemplares

ISBN: *Livro de Resumos* - 978-972-8543-45-7 / *Atas* - 978-972-8543-46-4

Depósito Legal: 433151/17

Advertências:

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. O Centro de Arqueologia de Lisboa declina qualquer responsabilidade por equívocos ou questões de ordem ética e legal.

O cumprimento, ou não, do Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa de 1990 (em vigor desde 2009), assim como as traduções para a língua inglesa, são unicamente da responsabilidade dos autores de cada texto.

Os direitos de autor da obra são extensíveis a todos os documentos, impressos ou manuscritos, com tratamento digital de imagem, nela publicados. Assim, toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a autorização escrita dos autores, ou dos seus representantes legais, nos termos da lei vigente, nomeadamente o Código do Direito de Autor e Direitos Conexos. Em power-points, a reprodução de imagens ou de partes do texto é permitida, com a condição de origem e autoria do texto e das imagens serem expressamente indicadas no diapositivo em que é feita a reprodução.

Para intercâmbio (on prie l'échange, exchange accepted):

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa

Av. da Índia 166, 1400-207 LISBOA, Portugal

ÍNDICE

Prefácio	9
Introdução	11
Comissão	13
1. A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO DO MUNICÍPIO DE LISBOA	14
1. A ARQUEOLOGIA DO SÍTIO DE LISBOA: UM (NOVO) BALANÇO CRÍTICO, VINTE E UM ANOS DEPOIS Carlos Fabião	16
2. O SÍTIO NEO-CALCOLÍTICO DA TRAVESSA DAS DORES (AJUDA-LISBOA) Nuno Neto, Paulo Rebelo, João Luís Cardoso	24
3. UM SÍTIO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE EM PEDROUÇOS (BELÉM, LISBOA) Anabela Castro, Victor Filipe, João Paulo Barbosa	38
4. RESULTADOS PRELIMINARES DA PRESENÇA PRÉ-ROMANA NO PÁTIO JOSÉ PEDREIRA (RUA DO RECOLHIMENTO/BECO DO LEÃO, LISBOA) Anabela Joaquinito	48
5. LOUÇA “DE FORA” EM CARNIDE (1550-1650). ESTUDO DO CONSUMO DE CERÂMICA IMPORTADA Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida, Ana Margarida Moço	56
2. A CIDADE MANUFATUREIRA E INDUSTRIAL	68
2. RUA DE SANTIAGO, LISBOA: TANQUES ROMANOS NA REQUALIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO SITO NO N.º 10-14 João Miguez, Alexandre Sarrazola	70
3. OBJECTOS PRODUZIDOS EM MATÉRIAS DURAS DE ORIGEM ANIMAL, DO CONVENTO DE SANTANA, DE LISBOA Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves	84
4. CERÂMICA MODERNA DE LISBOA: PROPOSTA TIPOLÓGICA Jacinta Bugalhão, Inês Pinto Coelho	106
5. EVIDÊNCIAS DE PRODUÇÃO OLEIRA DOS FINAIS DO SÉCULO XVI A MEADOS DO SÉCULO XVII NO LARGO DE JESUS (LISBOA) Guilherme Cardoso, Luísa Batalha	146
6. UMA INTERVENÇÃO EM PLENO BAIRRO DAS OLARIAS: NOVOS DADOS SOBRE A PRODUÇÃO OLEIRA NO SÉCULO XVII Inês Mendes da Silva, Marina Pinto	146

3. A ARQUEOLOGIA DOS ESPAÇOS, A IDENTIDADE E A FISIONOMIA DA CIDADE	190
1. MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO: UM MUSEU E UM MONUMENTO ROMANO NA CIDADE Lídia Fernandes	192
2. A CERÂMICA DE ENGOBE VERMELHO DE LISBOA Elisa de Sousa	212
3. DADOS PRELIMINARES DE UMA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NOS ANTIGOS ARMAZÉNS SOMMER, LISBOA (2014-2015) - TRÊS MIL ANOS DE HISTÓRIA DA CIDADE DE LISBOA Ricardo Ávila Ribeiro, Nuno Neto, Paulo Rebelo, Miguel Rocha	222
4. AS TERMAS ROMANAS ÀS PORTAS DE ALFAMA Vanessa Filipe, Raquel Santos	246
5. A CERÂMICA COMUM DE PRODUÇÃO LOCAL E REGIONAL DO NÚCLEO ARQUEOLÓGICO DA RUA DOS CORREIROS, LISBOA. OS CONTEXTOS FABRIS Carolina Grilo	254
6. PRESENÇA DA OCUPAÇÃO ROMANA NO ALJUBE DE LISBOA Clementino Amaro, Eurico de Sepúlveda	272
7. A CERCA FERNANDINA: DAS PORTAS DE STA. CATARINA AO POSTIGO DO DUQUE - LISBOA Nuno Neto, Paulo Rebelo, Vanessa Mata	286
8. INDAGAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA MURALHA ANTIGA DE LISBOA: O LANÇO ORIENTAL ENTRE A ALCÁÇOVA DO CASTELO E O MIRADOURO DE SANTA LUZIA Marina Carvalhinhos, Nuno Mota, Pedro Miranda	298
9. PERSPECTIVAS ARQUEO-BIOLÓGICAS SOBRE A NECRÓPOLE ISLÂMICA DE ALFAMA Vanessa Filipe, Alice Toso, Joana Inocência	338
10. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO ÂMBITO DO PROJECTO DE ARQUITECTURA “APARTAMENTOS PEDRAS NEGRAS” (LISBOA) Sofia de Melo Gomes, Mónica Ponce, Victor Filipe	348
11. UMA APROXIMAÇÃO AO ESPAÇO VIVENCIAL DA CASA DOS BICOS: A CULTURA MATERIAL DE UMA LIXEIRA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVIII Inês Pinto Coelho, Tiago Silva, André Teixeira	366
12. CASA DA SEVERA, MEMÓRIAS ARQUEOLÓGICAS DE UM ESPAÇO (LARGO DA SEVERA N.º 2, MOURARIA, LISBOA) Ana Caessa, António Marques, Nuno Mota	386
13. RUA DO COMÉRCIO Nº 1 A 13, LISBOA: METAMORFOSE ESPACIAL Alexandra Krus, Isabel Cameira, Márcio Martingil	414
14. TESTEMUNHOS ARQUEOLÓGICOS NA RUA DO JARDIM DO REGEDOR Nº 10 A 32, LISBOA Márcio Martingil	426
15. OBJECTOS DO QUOTIDIANO NUM POÇO DO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS Carlos Boavida	440

16. FRAGMENTOS DA MESA NOBRE DE UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: PORCELANA CHINESA NUM CONTEXTO DE TERRAMOTO DA PRAÇA DO COMÉRCIO (LISBOA) Sara Ferreira, César Neves, Andrea Martins, André Teixeira	458
17. NAVIOS DE ÉPOCA MODERNA EM LISBOA: BALANÇO E PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO José Bettencourt, Cristóvão Fonseca, Tiago Silva, Patrícia Carvalho, Inês Coelho, Gonçalo Lopes	478
18. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SEISCENTISTA: O BALUARTE DO TERREIRO DO PAÇO César Neves, Andrea Martins, Gonçalo Lopes	496
19. A RAMPA DOS ESCALERES REAIS DA CORDOARIA NACIONAL: PRIMEIROS SINAIS DO FIM DO IMPÉRIO Mónica Ponce, Marta Lacasta Macedo, Alexandre Sarrazola, Teresa Alves de Freitas	510
Lista de Abreviaturas	516
Autores	517
Participantes	518

A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO DO MUNICÍPIO DE LISBOA

RESUMO:

O sítio pré-histórico da Travessa das Dores localiza-se na Ajuda, junto à Calçada da Boa Hora, sensivelmente a meia encosta entre o Palácio Nacional da Ajuda e o rio Tejo.

Foi intervenção na sequência de trabalhos de acompanhamento arqueológico, tendo-se registado diversos contextos enquadráveis entre o Neolítico Final e a Época Romana. Destaca-se, na primeira fase de escavação, a identificação de diversas estruturas negativas, do tipo fossas/silo, onde se recolheu um vasto conjunto artefactual inserido cronologicamente no Neolítico Final/Calcolítico. A continuação dos trabalhos, já a cargo da Neoépica Lda., permitiu não só o reconhecimento de contextos idênticos aos da fase anterior, mas também identificar uma estrutura de tipo fosso associada a elementos estruturais em positivo, estes últimos enquadráveis no Calcolítico.

O sítio da Travessa das Dores reveste-se assim de grande importância para o conhecimento da sequência ocupacional da cidade de Lisboa, revelando vestígios que poderão indicar estarmos na presença de um povoado munido de estruturas defensivas de grande interesse patrimonial.

PALAVRAS-CHAVE:

Neolítico Final, Calcolítico, fosso, fossas/silo, povoado.

ABSTRACT:

The prehistoric site of Travessa das Dores is located in Ajuda, near Calçada da Boa Hora, on the hillside between Palácio Nacional da Ajuda and Tagus river.

As a result of archaeological watching briefs, this site was excavated, having registered several contexts from the Late Neolithic to the Roman Period. We highlight, as the first stage of the intervention, the identification of several negative structures of pit/silo type, where was recovered a vast number of artefacts from the Late Neolithic/Chalcolithic. The continuation of the archaeological works, now led by Neoépica Lda., allowed not only the identification of identical historical contexts, relating the first stage, but also the identification of a pitch/ditch type structure associated with some chalcolithic positive structures.

The Late Neolithic site of Travessa das Dores is therefore of great importance for the knowledge and understanding when it comes to the occupational sequence of Lisbon, revealing several elements that might indicate the presence of a defensive settlement of great patrimony interest.

KEY WORDS:

Neolithic, Chalcolithic, pit, pit/silos, settlement.

O SÍTIO NEO-CALCOLÍTICO DA TRAVESSA DAS DORES (AJUDA-LISBOA)

Nuno Neto
Paulo Rebelo
Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

João Luís Cardoso
Universidade Aberta / Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras /
Câmara Municipal de Oeiras
cardoso18@netvisao.pt

1. Introdução

O sítio da Travessa das Dores foi descoberto na sequência de trabalhos de acompanhamento arqueológico realizados por arqueólogos da empresa Archbiz Lda., aquando da construção de um conjunto de edifícios pela Sociedade de Reabilitação Urbana de Lisboa Ocidental (SRU).

Dada a descoberta de contextos preservados deu-se início à escavação arqueológica da área, no seu limite Norte, de forma a conseguir uma melhor caracterização do sítio. Por razões contratuais, os trabalhos da Archbiz Lda. foram entretanto suspensos, tendo a equipa da Neoépica retomado os trabalhos posteriormente, já numa segunda fase da intervenção, procedendo à continuação da escavação na área já iniciada, bem como ao seu alargamento.

O presente artigo apresenta apenas os dados preliminares referentes a esta segunda fase da intervenção, da responsabilidade científica de Nuno Neto e Paulo Rebelo, apresentando o faseamento das sucessivas ocupações identificadas no local, e a sua integração cronológico-cultural, correspondendo à comunicação feita ao *I Encontro de Arqueologia de Lisboa*, realizado entre 26 e 28 de Novembro de 2015 pelos autores. Uma simples referência à existência do sítio foi entretanto publicada (NETO, REBELO, SANTOS, 2015).

2. Implantação geográfica, condições geológicas e geomorfológicas

O sítio da Travessa das Dores localiza-se na freguesia da Ajuda, concelho de Lisboa, a uma altitude entre os 20 e os 30 metros. Encontra-se limitado a Oeste pela Calçada da Boa Hora, a Norte pela Rua Aliança Operária e a Este pela Rua Diogo Cão. A margem direita do rio Tejo fica actualmente a apenas cerca de 700 metros

para Sul, em linha recta. A observação do perfil topográfico mostra que o sítio pré-histórico da Travessa das Dores se implanta na parte inferior de uma encosta de pendor assinalável, desde o Parque de Monsanto, até ao rio Tejo, o qual era então bordejado pela actual Rua da Junqueira (Figs. 1 e 2).

Do ponto de vista geológico o sítio encontra-se implantado sobre a denominada Formação da Bica, do Cenomaniano superior, constituída por Calcários com Rudistas, os quais no topo da assentada se apresentam mais margosos, alternando entre margas amarelas e rosadas esbranquiçadas, bem patentes na área de intervenção (PAIS *et alii*, 2006, p. 9).

3. Fases de ocupação

A segunda fase da intervenção no sítio da Travessa das Dores, conduzida pela Neoépica, veio evidenciar a existência de cinco fases principais da presença humana no local, as quais para além de marcarem tempos distintos, ilustram diferentes objectivos e estratégias de ocupação da estação arqueológica, desde a Pré-história até à Época Contemporânea.

Fase 5: Época Moderna/Contemporânea

Actualmente a área em estudo apresenta-se intensamente urbanizada. Contudo, a observação de cartografia antiga permitiu verificar que pelo menos até ao início do século XX a Freguesia da Ajuda seria uma região essencialmente de cariz rural onde se implantavam diversas quintas e terrenos de cultivo. Especificamente para a área da Travessa das Dores, a cartografia de 1858 denuncia já a base do urbanismo actualmente existente, organizado pela Calçada da Boa Hora e a Rua de Santa Anna (actual Rua da Aliança Operária). A Travessa das Dores



Figura 1 - Travesa das Dores. Vista geral dos sectores intervencionados, observando-se a plataforma onde foram abertas diversas estruturas em negativo de tipo fossa/silo.



Figura 2 - Implantação da área onde se enquadra o povoado da Travesa das Dores (fonte: Carta Militar de Portugal, escala 1/25.000. O lado de cada quadrado possui 1 km).

encontra-se registada na sua forma actual, sendo rodeada por pomares e terrenos agrícolas livres de construção. Na cartografia de 1909, a Travessa das Dores apresenta um crescente urbanismo, observando-se na área em análise um espaço subdividido por muros, composto por pequenas casas, logradouros e anexos. Esta organização ter-se-á mantido até 2009 altura em que se procedeu à sua demolição tendo em vista o projecto de construção de blocos de apartamentos. A intervenção arqueológica permitiu identificar ainda alguns alicerces relacionados com este antigo urbanismo, que viria em alguns locais a afectar a ocupação pré-histórica do local.

Fase 4: Época Romana

Os vestígios associados à Época Romana correspondem a contextos em deposição secundária, encontrando-se muitas vezes misturados com materiais modernos, da Idade do Ferro e pré-históricos. Não se registou qualquer elemento estrutural enquadrável nesta época.

Tais espólios exibem larga diacronia, desde a Época Republicana à Imperial, encontrando-se associados a níveis coluvionares superficiais, depositados ao longo da encosta, provenientes de cotas superiores, a Norte, onde possivelmente se poderão encontrar contextos mais fidedignos.

Fase 3: Idade do Ferro

Apesar dos níveis associados a esta fase terem sido quase na sua totalidade intervencionados aquando da primeira fase dos trabalhos, executada por outrem, foi ainda possível proceder, nesta segunda fase, à escavação de uma pequena banqueta, que nos permitiu registar a sua presença.

Tais vestígios observaram-se essencialmente no sector oriental da intervenção, nomeadamente cerâmicas de pastas cinzentas finas e cerâmica pintada, recolhidas nas unidades superficiais e sobretudo nos níveis inferiores, mais fidedignos.

No topo da camada *in situ* [102], registou-se uma estrutura de combustão de planta subcircular, constituída por argila cozida, fragmentos de cerâmica a torno e alguns carvões. Foi possível observar que esta terá sido sucessivamente reutilizada, o que se reflecte nas sucessivas camadas de argila, utilizadas para forrar o fundo da estrutura de combustão de modo a permitir uma melhor capacidade refractária. Todas estas camadas de argila enchem por sua vez uma pequena fossa de contorno circular, escavada no topo da unidade que serve de base à estrutura de combustão. Não se identificou nenhum outro elemento estrutural que possa ser seguramente atribuído à Idade do Ferro.

É ainda de destacar a recolha, na primeira fase dos trabalhos, de um fragmento de uma peça etrusca de *bucchero nero* (VIEIRA, 2013, pp. 220-223).

Fase 2: Bronze Final

Nesta segunda fase dos trabalhos, os vestígios de ocupação do Bronze Final correspondem apenas a alguns fragmentos cerâmicos, claramente descontextualizados, recolhidos nas unidades superficiais, entre os quais se destaca um pequeno fragmento com decoração de ornatos brunidos.

Destaque ainda para um nível de piso em terra batida no limite oriental da intervenção, associado a uma série de buracos de poste, vestígios de antigos elementos estruturais (que infelizmente não foi possível observar em toda a sua abrangência), cuja cronologia é igualmente pouco clara, advindo do facto de a área ter sido decapada mecanicamente em trabalhos de obra anteriormente executados.

Fase 1: Neolítico Final/Calcolítico Pleno

Os contextos pré-históricos são os mais antigos e também os mais importantes dos registados. A sua diversidade, particularidades e estado de conservação, conferem ao sítio maior interesse em termos patrimoniais e científicos. Com efeito, a intervenção conduzida pela Neoépica veio a revelar uma complexa sequência ocupacional que se pode dividir em cinco momentos, representativos de uma forte presença humana entre o Neolítico Final e o Calcolítico Pleno, ainda que pontuada por prováveis períodos de abandono.

O momento mais antigo registado da ocupação pré-histórica do local corresponde à abertura de diversas estruturas negativas de tipo fossa/silo no substrato geológico margoso (Fig. 3). Estas estruturas encontram-se melhor representadas no patamar elevado situado do lado oriental. No lado ocidental este momento apresenta-se pior representado devido à posterior abertura do grande fosso, adiante referido. Não obstante, no limite ocidental da plataforma foi ainda possível registar, no patamar superior, algumas estruturas em negativo. Estes dados vêm demonstrar que o conjunto destas estruturas ocuparia toda a plataforma intervencionada e para além desta, ao longo da encosta, na direcção do rio Tejo.

Estas fossas/silos encontravam-se cheias por depósitos heterogéneos, associados a um conjunto artefactual típico do Neolítico Final da Estremadura, caracterizado pelas taças carenadas e recipientes com bordos denteados, com paralelos em vários povoados, entre os quais se destaca o de Leceia, em Oeiras (CARDOSO, 2007).

Ao nível formal, as estruturas em negativo do tipo fossa/silo apresentam características diversas: a boca é por norma semicircular, apresentando secção vertical entre o tipo "saco" e o troncocónico, com o fundo plano a côncavo e as paredes verticais a introvertidas. Não se registaram quaisquer vestígios de revestimento e as suas dimensões e capacidades são muito variáveis.

Foi ainda possível observar a existência de uma fossa/silo cuja configuração parece apontar para uma fase de elaboração ainda muito inicial, indicando tratar-se de um esboço de fossa cuja construção não terá sido concluída.

A análise de outras fossas parece indiciar que algumas destas estruturas negativas se encontravam marcadas por clastos de pequenas e médias dimensões, que se elevavam acima da sua boca, aspecto que poderá estar relacionado com a sua sinalização tendo em vista uma futura reabertura e consequente reutilização.

Os níveis que cobriam estas estruturas negativas continham espólios diversificados integráveis entre o Neolítico Final e o Calcolítico Pleno. Identificam-se algumas estruturas associadas a tais depósitos de provável carácter habitacional. Entre elas destaca-se uma, constituída por um conjunto de blocos de calcário de médias e pequenas dimensões, de desenvolvimento tendencialmente



Figura 3 – Pormenor da plataforma onde se registou a maioria das estruturas em negativo tipo fossa/silo.

circular. Uma outra é composta de blocos calcários, de planta rectilínea, que se desenvolve com uma orientação Este-Oeste, podendo corresponder a um muro. Ao mesmo nível, surge um conjunto de componentes pétreos em calcário de médias e grandes dimensões que definem um outro elemento estrutural de planta circular, constituído por uma única fiada de blocos. Esta estrutura desenvolver-se-ia para sul, em direcção à área escavada antes da intervenção da Neoépica, pelo que se desconhece o seu prolongamento e aspectos funcionais.

As estruturas mencionadas poderiam integrar-se em contextos de carácter habitacional, mas a sua caracterização foi dificultada pela exígua área que houve oportunidade de intervir, pois tais estruturas encontravam-se, aquando da intervenção da Neoépica, já parcialmente incompletas, quer pela obra em si, quer pelos trabalhos arqueológicos anteriormente realizados.

Assim, com base nos dados arqueológicos recolhidos podemos concluir que este primeiro momento de ocupação pré-histórica do local incidiu sobre a plataforma margosa, na qual se abriram as fossas/silos, abrangendo a totalidade da área intervencionada.

Num segundo momento, ainda do Neolítico Final, procedeu-se à escavação de um fosso, apenas registado no sector Oeste, afectando desta forma parte da plataforma onde se implantaram as fossas/silos. Com efeito, algumas destas estruturas foram seccionadas pela abertura do fosso, como se observa no patamar mais elevado deste (Fig. 4).

Trata-se de uma estrutura negativa de grandes dimensões, escavada no substrato geológico margoso e de orientação geral Norte-Sul, só parcialmente intervencionada no sector Oeste, onde os trabalhos incidiram apenas nas áreas de afectação inerentes à implantação do projecto de construção previsto. Ao contrário dos trabalhos no sector Este, que levaram à escavação integral dos contextos, os trabalhos no sector Oeste foram mais pontuais e menos intrusivos, tendo-se registado toda a potência da estratigrafia que colmata o fosso apenas em áreas restritas.

A intervenção arqueológica identificou cerca de 10 m de comprimento do fosso, que continuaria a desenvolver-se quer para Norte (subindo a encosta), quer para Sul (na direcção da margem do rio Tejo). Na secção registada foi possível perceber que o fosso apresenta uma planta irregular de tendência rectilínea, organizando-se no seu lado Este em dois patamares, com uma profundidade máxima registada de cerca de 2,90 m e uma largura que pode variar entre os 3,70 m e os 8,00 m.

Posteriormente à abertura do fosso, e no interior do mesmo, procedeu-se à construção de várias estruturas constituídas por blocos calcários, ao longo das paredes este e oeste (Fig. 5). É difícil perceber se estes elementos estruturais estão associados à própria construção do fosso, ou já a eventuais remodelações deste. As observações efectuadas permitem concluir que tais estruturas se encontram directamente encostadas ao fundo e às paredes do fosso, encontrando-se seladas por depósitos que colmataram aquela estrutura negativa, cujos espó-



Figura 4 - Fossas/silo cortadas aquando da abertura do fosso.

lios pertencem ao Calcolítico Pleno, o que pode indiciar que as referidas estruturas terão sido efectuadas num momento relativamente próximo à construção do fosso.

Estes elementos estruturais encontram-se construídos com recurso a blocos pétreos de dimensões variadas, essencialmente de médias e grandes dimensões, rudemente afeiçoados, em pedra solta ou por vezes com recurso a ligantes (argila/margas), apresentando-se em fiadas simples irregulares, encostadas directamente à parede do fosso ou por fiadas duplas, com o seu interior preenchido, formando desta forma um aparelho robusto e consistente. Destaca-se um troço de muro "amuralhado" identificado no limite noroeste da área intervencionada, com uma altura máxima preservada de cerca de 1,70 m e largura observável de cerca de 0,80 m, encostado directamente à parede do fosso, formado por aparelho robusto composto por blocos rudemente afeiçoados de médias e grandes dimensões, unidos por argila e dispostos em fiadas irregulares (Fig. 6). A fundação deste muro assenta no substrato-geológico, pelo que é lícito admitir que a sua construção possa remontar à época da abertura do próprio fosso. No entanto, no mesmo plano de fundação desta estrutura, identificaram-se contextos de ocupação associados a estruturas de combustão do Calcolítico Pleno, de acordo com a tipologia dos espólios recolhidos. É de notar que tais contextos de ocupação se encontravam cobertos pelos derrubes do próprio muro, o que leva à conclusão de que, pelo menos durante um determinado período de tempo, aquela estrutura terá sido coeva da

ocupação efectuada junto à sua base, podendo a sua época de construção ser porém mais antiga, remontando ao Neolítico Final.

A sequência estratigráfica que colmata o fosso corresponde a depósitos diversos que se encontram directamente assentes sobre o fundo desta estrutura, desenvolvendo-se depois em altura, depositados sobre ambas as paredes do fosso e/ou nos elementos estruturais que a este se encontram adossados.

Sobre os depósitos de colmatação mais profundos registou-se a presença de uma série de contextos que evidenciam uma ocupação habitacional no interior do fosso: pisos em terra batida, estruturas em positivo, estruturas de combustão. Estes contextos parecem corresponder, em linhas gerais, a dois momentos temporais, ambos pertencentes ao Calcolítico Pleno, embora a colmatação do fosso integre, ao longo da sequência, diversos espólios pertencentes ao Neolítico Final, com destaque para fragmentos de vasos de bordo denteado, que devem provir da erosão, no decurso do Calcolítico, da área da estação ocupada no Neolítico Final situada a montante do fosso.

A finalização da colmatação do fosso, com a consequente ocupação do seu topo verificou-se ainda no Calcolítico Pleno e deve ter sido bastante rápida, pois da base ao topo a tipologia dos espólios cerâmicos mais característicos indica tal período cronológico-cultural. De facto, a última fase registada é caracterizada por uma série de depósitos de características diversas, alguns



Figura 5 - Imagem geral das estruturas associadas às paredes do fosso.



Figura 6 - Porção de estrutura amuralhada encostada à parede oeste do fosso; nível de ocupação do Calcolítico Pleno, com estruturas de combustão associadas à base da estrutura amuralhada.

apresentando uma grande concentração de elementos pétreos. Ilustrativos deste momento são os níveis de derrube associados ao muro “amuralhado” adossado à parede Este do fosso, já descrito, relacionados com o abandono geral do sítio, cobrindo o último nível de ocupação então registado.

4. Espólios arqueológicos

Nesta notícia preliminar serão caracterizados de forma genérica apenas os materiais correlativos das estruturas neolíticas e calcolíticas identificadas, já que são estas que justificam a maior importância arqueológica desta ocorrência.

Assim, no que respeita aos espólios de pedra polida, destaca-se a existência de artefactos de rochas anfibolíticas, cuja origem alentejana é segura, configurando o comércio a longa distância deste recurso geológico, estratégico para as necessidades quotidianas destas populações. Com efeito, em estudo anterior dedicado às indústrias de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras, situado a menos de 10 km de distância, verificou-se um acréscimo crescente da presença deste tipo de rochas, desde o Neolítico Final ao Calcolítico Pleno/Final, o que reflecte a intensificação económica verificada ao longo de todo o 3.º milénio cal BC (CARDOSO, 2004). Os afloramentos mais próximos de onde poderia provir esta matéria-prima, provavelmente sob a forma de

lingotes, situam-se na bordadura ocidental do Maciço Hercínico, entre Montemor-o-Novo, Avis, Ponte de Sor e Abrantes (CARDOSO, CARVALHOSA, 1995). Em contrapartida, os recursos geológicos locais assumiam importância económica decisiva, sustentando a obtenção, por permuta, daquelas rochas, entre outros bens não directamente acessíveis. Com efeito as largas centenas de blocos nucleares e núcleos de sílex, com origem nos nódulos de sílex existentes nos calcários cretácicos recifais existentes no local e na sua envolvente próxima (Alto da Ajuda, Alcântara), atestam a exploração sistemática do sílex, como recurso de extrema importância económica que era, ultrapassando largamente tal exploração as necessidades locais, sem prejuízo de estas serem também assim asseguradas. Na Fig. 7 representam-se diversos artefactos, como furadores (n.ºs 1, 9), recolhidos em contextos do Calcolítico Pleno, embora contendo materiais mais antigos; raspadeiras (n.º 2), igualmente de contexto do Calcolítico Pleno relacionado com a fase de abandono definitivo do sítio; lâmina (n.º 3), oriunda do primeiro nível de enchimento do silo [198], de cronologia calcolítica; a par de lascas retocadas (n.º 4) e lamelas (n.ºs 5 e 6), oriundas de coluvião superficial com espólios de várias épocas. As folhas bifaciais de sílex (n.ºs 7, 8 e 10), cuja utilização como elementos de foice ou de processamento de cereais se encontra comprovada pelo brilho que algumas delas exibem (CLEMENTE-CONTE, MAZZUCO, SOARES, 2014), bastariam, por si só, para ilustrar tal actividade económica no espaço geográfico envolvente.

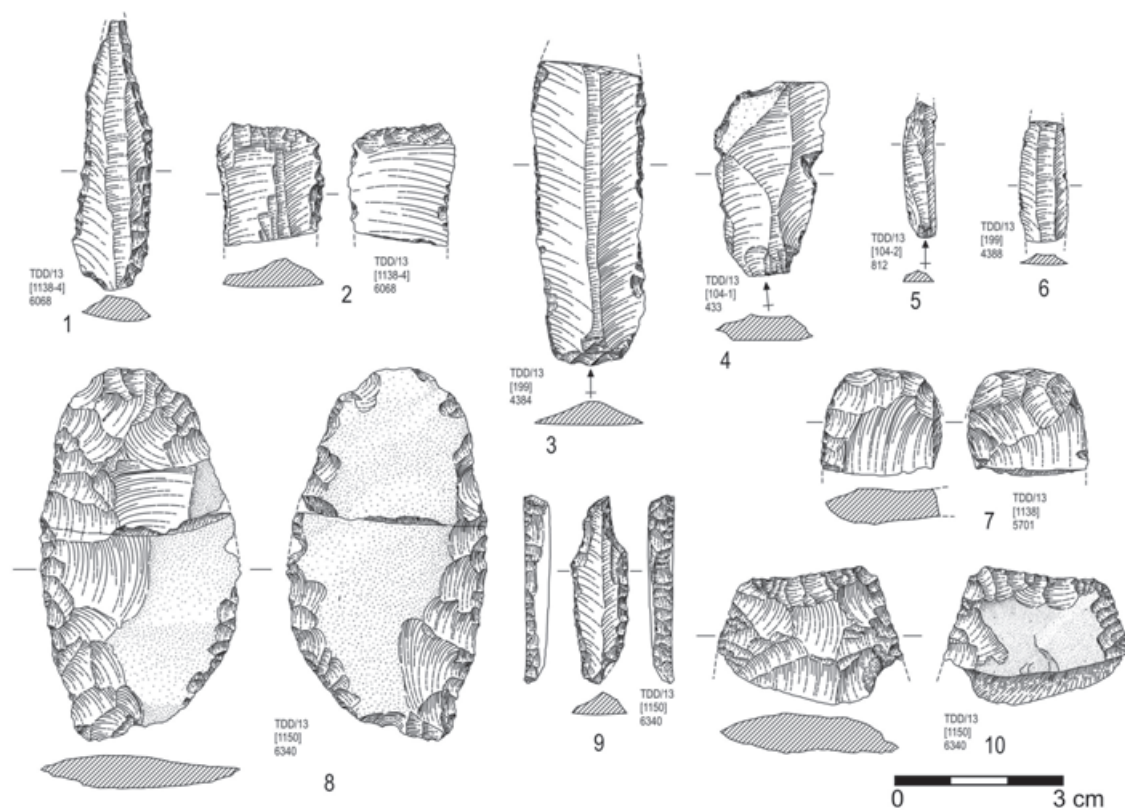


Figura 7 - Espólios líticos recolhidos em contextos estratigrafados calcolíticos, e em contextos com materiais de várias épocas. Desenhos do Dr. Bernardo Ferreira.

A caça encontra-se documentada por pontas de seta, de sílex local, mas também de xisto jaspóide, de origem alentejana, cuja presença só se poderá compreender se se admitir que acompanhariam os lingotes de anfibólito, por razões estéticas, relacionadas com a sua coloração vermelha, já que, do ponto de vista estritamente funcional, seriam artefactos de pior qualidade que os seus congéneres de produção local. Esta realidade foi observada também em outros povoados calcolíticos da região, com estreitas relações com o mundo alentejano, como é o caso de Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (CARDOSO, 2014).

Aliás, a metalurgia do cobre, cuja matéria-prima seria sobretudo de origem alentejana, nomeadamente a partir da exploração dos filões quartzosos disseminados pela Zona de Ossa Morena, conforme mostram os resultados obtidos em Leceia (CARDOSO, MÜLLER, 2008), associada à exploração das rochas anfibolíticas, encontra-se representada na Travessa das Dores por fragmento de cadinho com restos de metal aderente na face interna, para além de alguns artefactos metálicos.

A pesca, por seu turno, está documentada por um peso de rede, executado sobre um seixo rolado basáltico de origem local, com sulco diametral executado a picotado, semelhante a muitos outros distribuídos por estações ribeirinhas dos estuários do Tejo e do Sado (CARDOSO, 1996), a par da importante recolha de moluscos, especialmente de *Ostrea edulis*, no estuário do Tejo, tal qual se observou na Tapada da Ajuda, cerca de mil anos depois (CARDOSO *et alii*, 1986).

Mas são os espólios cerâmicos que assumem o principal papel no faseamento cronológico-cultural da estação, de acordo com a sequência acima apresentada.

Os materiais tipologicamente característicos do Neolítico Final da Estremadura e que ocorrem de forma significativa na Travessa das Dores são os vasos de bordo denteado e os recipientes lisos carenados; especialmente os primeiros, que estão representados por elevado número de exemplares, exibindo assinalável variabilidade, a ponto de dificilmente se encontrarem dois exemplares iguais, embora respeitem um cânone comum. Os fragmentos representados na Fig. 8 provêm na íntegra de contextos estratigráficos do Neolítico Final, exceptuando-se o n.º 5, recolhido no primeiro nível de enchimento da fossa/silo [198], correspondendo pois ao início da fase de abandono daquela estrutura, a qual, contudo, se poderia ter verificado ainda no Neolítico Final.

Já as produções cerâmicas características do Calcolítico, das quais uma selecção se representa na Fig. 9 provêm de contextos habitacionais estratigrafados, ou de enchimentos e depósitos superficiais com espólios de diversas épocas. Estão no primeiro caso os exemplares n.ºs 1 e 6, oriundos do depósito com estruturas de combustão identificado na base do enchimento do fosso e correlativo da fundação da muralha nele existente, provindo os restantes exemplares de contextos remexidos. No conjunto, estão presentes produções do Calcolítico Inicial e Pleno da Estremadura, como as taças decoradas no interior (n.º 1), ou exclusivamente do Calcolítico Pleno, como as decorações do grupo “folha de acácia”, presentes em recipientes de dimensões e tipologias diversas, associadas a grandes vasos globulares com decorações

em “dentes de lobo” ou de caneluras simples em torno da abertura (n.ºs. 2, 3, 4, 5). Um vaso globular com goteira em torno da abertura é forma mais rara, com paralelos em diversos povoados calcolíticos da região de Lisboa, como Leceia, Penha Verde e Moita da Ladra, bem como da região a sul do Tejo, como o Outeiro Redondo, Sesimbra, todos intervencionados ou publicados por um dos signatários (J.L.C.).

No capítulo das produções cerâmicas industriais inscreve-se o fragmento de suporte de lareira (Fig. 9, n.º 6), incompleto na base, com distribuição geográfica alargada à Estremadura e ao sul do território português, cujas ocorrências mais antigas remontam ao Neolítico Final (CARDOSO, 2003), bem como o fragmento de recipiente de paredes perfuradas, atribuível a cincho para produções lácteas (Fig. 10, n.º 8). É interessante observar que este tipo de peças, pelo menos na Estremadura, é conhecido em estratigrafia apenas em contextos habitacionais do Calcolítico Pleno (CARDOSO, 2007; 2014), o que significa que se trata de uma expressão tardia da chamada “Revolução dos Produtos Secundários”, neste caso relacionada com a especialização do aproveitamento dos produtos lácteos.

O facto de um exemplar deste tipo estar presente no conjunto em apreço remete para a prática de uma economia agro-pastoril, onde a presença de rebanhos de caprinos (ovelhas e cabras) poderia conjugar-se com a de bovinos, aliás comprovados pelos restos osteológicos recolhidos.

5. Integração cultural

O povoado neo-calcolítico da Travessa das Dores é o primeiro sítio reconhecido no espaço urbano de Lisboa com estruturas pré-históricas de armazenamento e de defesa. As primeiras remontam ao Neolítico Final e só foram possíveis pela existência de um substrato geológico margoso facilmente escavável. Tais estruturas negativas, cuja integração no Neolítico Final da Estremadura é indubitável, destinavam-se usualmente ao armazenamento, e a quantidade das identificadas na estação, com múltiplos paralelos em sítios da mesma época do sul peninsular, parece condizer com tal finalidade. Usualmente tais estruturas eram reaproveitadas como lixeiras domésticas, conclusão que é corroborada no caso em apreço pela existência de materiais arqueológicos fora de uso, de Época Calcolítica.

Importa sublinhar a extrema raridade deste tipo de estruturas negativas nos sítios da mesma época conhecidos na região da Península de Lisboa. Tal deve-se, em boa parte, ao facto de os substratos geológicos desta região serem pouco propícios, embora se conheçam ocorrências de estruturas negativas de dimensões idênticas, com outras finalidades, em épocas mais antigas, na estação do Neolítico Antigo Cova da Baleia, Mafra (SOUSA, GONÇALVES, 2015), ou mais modernas, como é o caso do povoado do Bronze Final do Cabeço do Mouro (CARDOSO, 2006). No entanto, à ocupação calcolítica do povoado aberto do Carrascal, Oeiras, pertencem duas estruturas do mesmo tipo, escavadas nas margas cretácicas, as quais terão sido reutilizadas como lixeiras. Uma delas teve utilização ritual: sobre o

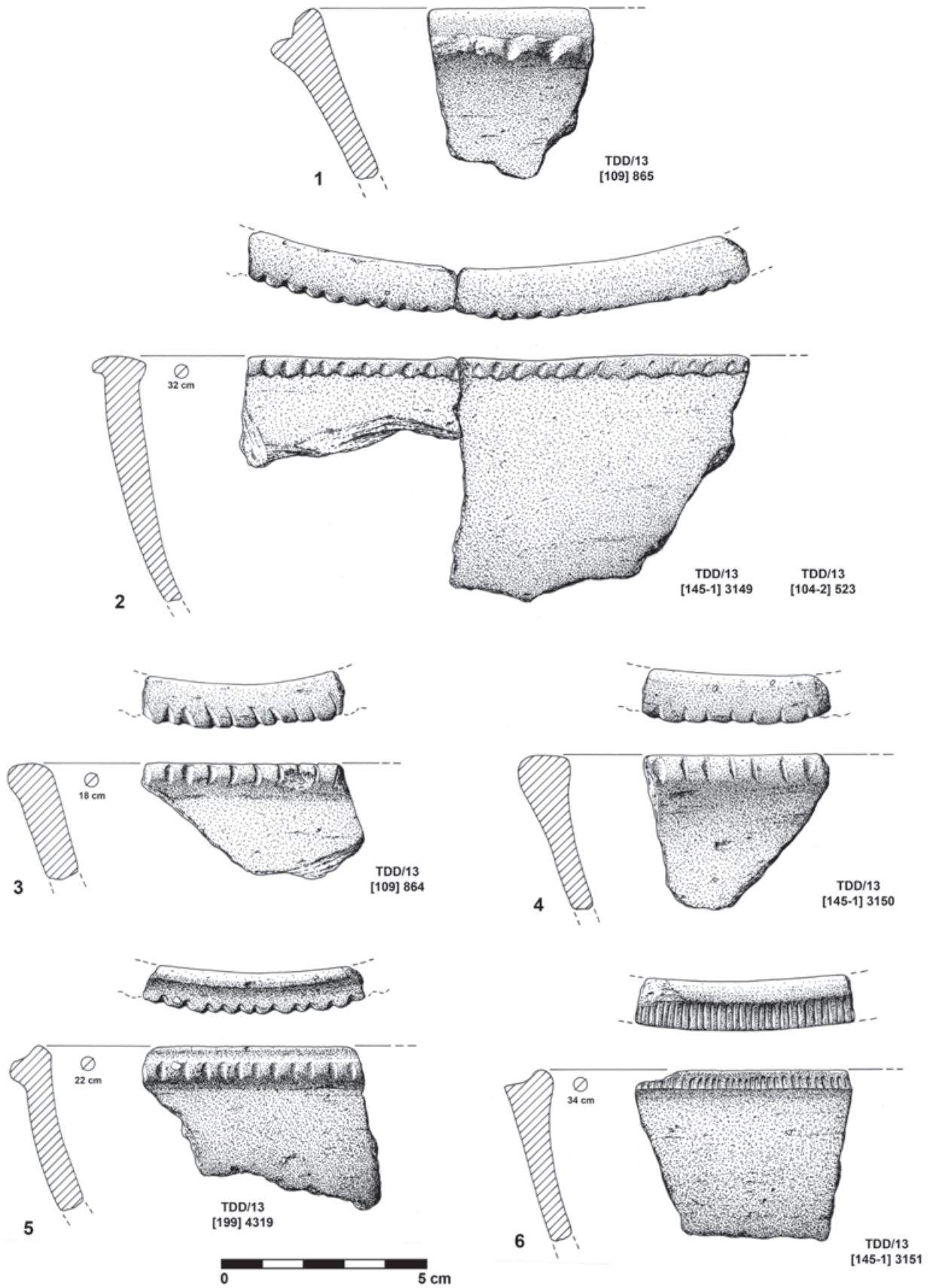


Figura 8 - Fragmentos de recipientes de bordo denteado, recolhidos em contextos estratigrafados do Neolítico Final exceptuado um caso (o n.º 5). Desenhos do Dr. Filipe Martins.

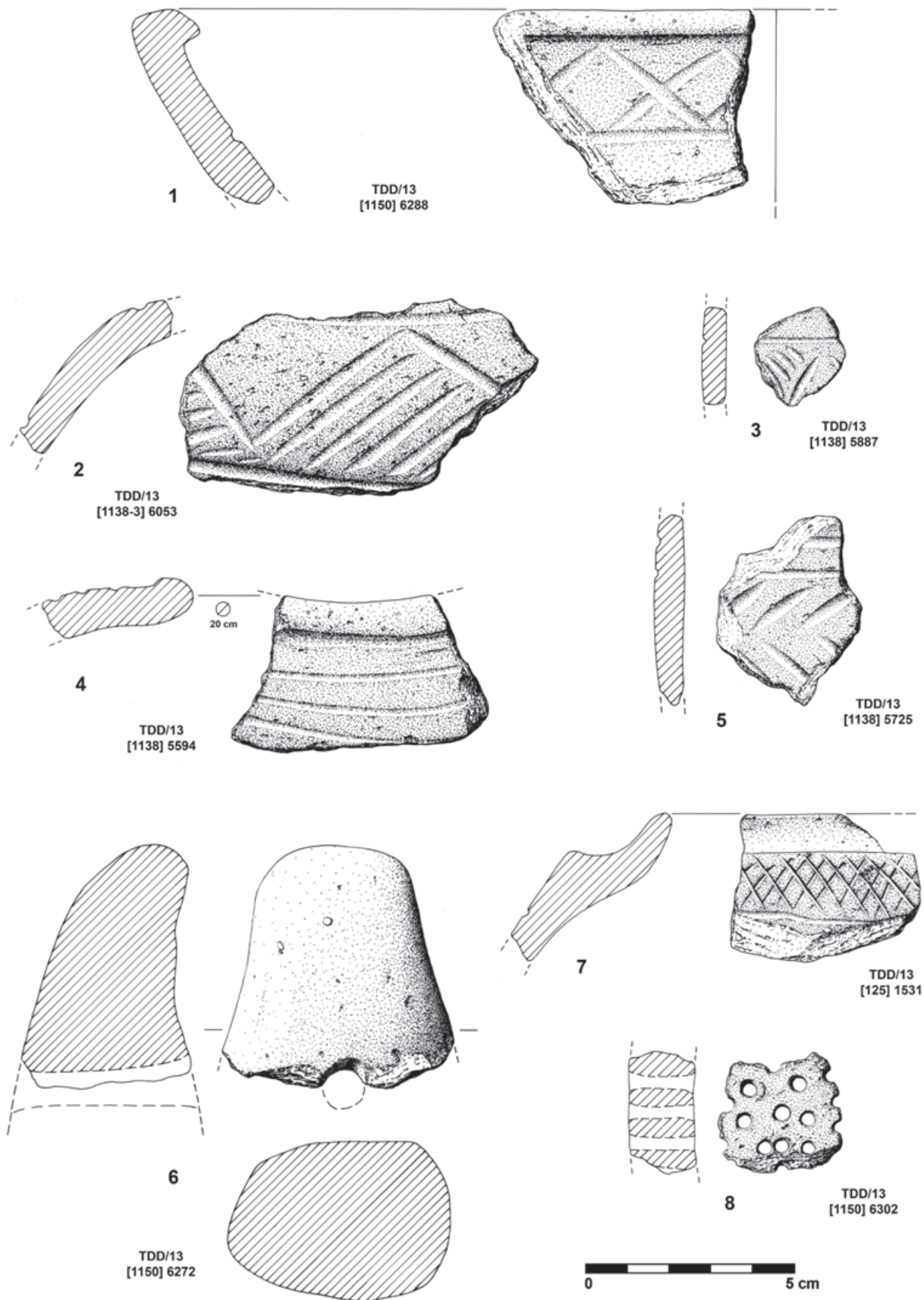


Figura 9 - Espólios cerâmicos do Calcolítico Pleno, recolhidos em contextos estratigrafados (n.ºs. 1 e 6), e em contextos com espólios neolíticos e calcolíticos. Desenhos do Dr. Filipe Martins.

fundo da mesma foi efectuada a deposição intencional de duas hemimandíbulas cruzadas de *Bos taurus*, uma delas datada do Calcolítico Pleno/Final, sublinhando a importância económica da espécie e, ao mesmo tempo, a importância da acumulação de excedentes para as comunidades calcolíticas ali sediadas (CARDOSO, 2009).

No respeitante à ocorrência de estruturas em fosso, cuja cronologia se insere igualmente no Neolítico Final da Estremadura, sucedendo-se a sua construção à das fossas acima referidas, a região em apreço, pelas razões geológicas atrás apontadas, é ainda mais parca de vestígios comparáveis. Com efeito, tanto os fossos identificados no povoado calcolítico de Santa Sofia, Vila Franca de Xira (PIMENTA, SOARES, MENDES, 2013), como no sítio de Gonçalves, Mafra (SOUSA, 2008), são de pequeníssimas dimensões, não servindo a quaisquer intuítos defensivos, tratando-se, numa perspectiva funcionalista, de dispositivos compatíveis com a drenagem de águas, hipótese que, no primeiro caso bem se adapta às características da implantação do sítio, numa encosta declivosa. Mais interesse detém o fosso identificado no povoado pré-histórico de Leceia de clara finalidade defensiva. Com efeito, esta estrutura negativa integra-se na primeira linha defensiva, correspondendo ao prolongamento da muralha curvilínea reforçada do lado externo por vários bastiões semicirculares a ela adossados. Situando-se na extremidade da referida linha defensiva, antes de a mesma atingir a escarpa natural que delimita do lado nascente a plataforma natural onde se implantou o povoado pré-histórico, a sua cronologia foi atribuída ao Calcolítico Inicial, altura em que todo o dispositivo defensivo foi delineado e construído de uma só vez, embora tenha depois conhecido sucessivas remodelações.

A sua existência explica-se pelo aproveitamento de uma descontinuidade natural existente nos calcários duros recifais do Cenomaniano superior, longa e relativamente larga, delimitada por diáclases. Para tal efeito, o investimento humano foi limitado, já que correspondeu apenas à regularização de uma das paredes longitudinais do fosso natural, constituindo um exemplo único, no respeitante ao território português, de integração de estruturas negativas e positivas, neste caso de natureza pétreia, numa única concepção defensiva, neste caso uma primeira linha de um dispositivo constituído por três linhas de defesa.

Na área da estação arqueológica destaca-se o sítio de Montes Claros, com importante ocupação do Neolítico Final, sobreposta por uma ainda mais notável ocupação campaniforme (CARDOSO, CARREIRA, 1995). A implantação desta estação no topo de uma colina contrasta com a do povoado da Travessa das Dores, evidenciando a diversidade de condições geomorfológicas que os habitantes neolíticos da região elegeram, por certo em função de finalidades específicas de cada sítio. No caso da Travessa das Dores, é provável que a mesma se relacionasse com a prioridade atribuída à relação com o Tejo, explicando-se a sua implantação na parte inferior de uma colina coroada pela serra de Monsanto, onde se localiza o povoado de Montes Claros. Com efeito, os sítios de carácter habitacional da Cerca dos Jerónimos (CORREIA, 1913) e da Junqueira (VAULTIER, ZBYSZEWSKI, 1947), com ocupações neo-calcolíticas, tal como a Travessa das Dores, e ainda mais próximos da margem do Tejo, relacionam-se

por certo com a actividade ali desenvolvida. Neste âmbito, são igualmente de destacar os vestígios do Calcolítico recentemente registados em Pedrouços junto à margem direita do rio Tejo (CASTRO, FILIPE, BARBOSA, 2017).

Quanto aos vestígios arqueológicos mais modernos, correspondem não a ocupações efectivamente comprovadas do espaço em causa, mas, na melhor das hipóteses, a testemunhos pontuais da presença humana: é o caso das escassas estruturas de carácter habitacional susceptíveis de serem integradas no Bronze Final e na Idade do Ferro. Na verdade, a presença de materiais de várias cronologias que atingem a Época Romana, deve imputar-se sobretudo à formação de coluviões, onde os mesmos foram embalados, oriundos de áreas situadas na parte mais alta da encosta.

A estação da Tapada da Ajuda corresponde ao local mais próximo onde se documentou importante ocupação do Bronze Final, igualmente implantada na encosta voltada para o estuário do Tejo. Correspondia a pequeno povoado, com cabanas de planta elipsoidal com embasamento constituído por pedra seca – blocos basálticos heterométricos (CARDOSO *et alii*, 1986; CARDOSO, 1995). A grande quantidade de elementos de foice sobre lascas de sílex, também presentes na Travessa das Dores, explica-se pela grande aptidão dos terrenos basálticos para a prática da cerealicultura.

É também essa explicação que justifica a ocorrência esparsa de materiais da Idade do Ferro, relacionados com pequenos núcleos agrícolas semelhantes aos de Outurela I e II, Oeiras (CARDOSO *et alii*, 2014), onde também se recolheram produções de cerâmicas negras e de pastas finas, como as identificadas na Travessa das Dores, a que acresce um raro fragmento de provável *bucchero nero*, de origem etrusca (VIEIRA, 2013).

6. Conclusões

É possível desde já apresentar algumas conclusões preliminares resultantes das escavações e dos estudos comparativos agora realizados:

1 – O sítio da Travessa das Dores, para além de ter fornecido escassos testemunhos do Bronze Final, Idade do Ferro e de Época Romana, é caracterizado por dois relevantes contextos pré-históricos que lhe conferem importância única no âmbito da Pré-História de Lisboa e mesmo no quadro geográfico mais alargado da região da Baixa Estremadura, sendo o mais antigo do Neolítico Final, sucedido por outro do Calcolítico Pleno.

2 – Avulta a existência de um numeroso conjunto de fossas/silos, abertas no substrato geológico margoso, facilmente escavável, no decurso do Neolítico Final, às quais se sucedeu a execução de um amplo fosso, que em parte as corta, igualmente executado naquela época, constituindo o único exemplo com tais dimensões em toda a região estremenha, a par de um seu congénere identificado no povoado pré-histórico de Leceia. Está-se, por conseguinte, perante um vasto povoado de fossas, como outros da mesma época conhecidos no sul peninsular, o qual foi delimitado, em determinada época da sua existência, por um fosso de assinaláveis dimensões, mas do qual só pequeno troço foi escavado.

3 – O interior do fosso foi sendo paulatinamente colmatado no decurso do Calcolítico Pleno, quer através de restos de ocupações de carácter habitacional, incluindo estruturas de combustão, quer por via de depósitos de enchimento com espólios de várias épocas, que também se observam no interior das fossas/silos de armazenamento.

Importa referir que as paredes do fosso foram reconfiguradas, ainda no decurso do Neolítico Final ou já no Calcolítico Pleno, por muros pétreos, que àquelas se adossaram, conferindo-lhes assim, porventura, maior monumentalidade. O facto de estas estruturas, feitas de blocos calcários de origem local, terem as suas fundações no fundo do fosso, permite, com efeito, admitir que tenham sido construídas logo após a abertura deste. Estamos assim perante uma estrutura de carácter funcional provavelmente defensivo – como a sua congénere de Leceia – sem que esta finalidade deixasse de assumir uma certa monumentalidade, conferida pela adição de construções de alvenaria.

4 – É excepcional a presença de espólios do Calcolítico Inicial da Estremadura, o que configura um período em que o local estaria desabitado ou seria pouco frequentado.

5 – Os espólios pertencentes ao Neolítico Final e ao Calcolítico Pleno configuram a existência de uma intensiva exploração dos nódulos de sílex existentes nas camadas de calcários recifais cretácicos que afloram nas proximidades, cujos produtos, evidenciados por abundantes blocos e núcleos de sílex, se destinariam a integrar comércio transregional, propiciado pela implantação ribeirinha do sítio. Assim sendo, tais materiais constituiriam a base das permutas que permitiam abastecer o povoado de matérias-primas oriundas do Alentejo, como os anfibolitos, que proporcionaram a confecção de artefactos de pedra polida e, no Calcolítico Pleno, a metalurgia do cobre, representada por cadinho de fundição.

6 – Enfim, as actividades do quotidiano encontram-se denunciadas pela ocorrência de diversos artefactos, como: pesos de rede; elementos de foice relacionados com as culturas cerealíferas existentes nos férteis terrenos adjacentes; furadores de sílex para os trabalhos em pele; pontas de seta utilizadas na actividade cinegética; a par do aproveitamento secundário do leite, conforme é indicado pela presença de cinchos de cerâmica. Tais informações são, aliás, confirmadas pelo registo faunístico recolhido, que evidencia, outrossim, a intensa recollecção de moluscos no estuário do Tejo, cuja margem norte bordejava então o sopé da colina onde se implantou esta notável estação pré-histórica da área urbana de Lisboa.

7 – O povoado Neo-Calcolítico da Travessa das Dores destaca-se pelo seu carácter único no âmbito dos limites do concelho de Lisboa, bem como a nível regional. Para isto contribui a integração de aspectos particulares como a sua implantação no sopé da colina que sobe para Monsanto, junto à margem direita do rio Tejo, com a sua associação a uma complexa sequência de ocupações onde se destaca, pela sua raridade e grau de preservação, um grande fosso, criando-se assim uma destacada estrutura de carácter defensivo.

Bibliografia

- CASTRO, A.; FILIPE V.; BARBOSA, J. P. (2017): Um sítio da Pré-história recente em Pedrouços – Lisboa. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa*, Lisboa, Centro de Arqueologia de Lisboa/Departamento de Património Cultural/Direcção Municipal da Cultura/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 38-47.
- CARDOSO, J. L. (1995): O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda. In Oliveira Jorge, S. (coord.), *Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Catálogo da Exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Instituto Português de Museus, p. 48.
- CARDOSO, J. L. (1996): Pesos de pesca do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, Oeiras, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras, pp. 107-119.
- CARDOSO, J. L. (2003): Ainda sobre os impropriamente chamados “ídolos de cornos” do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste. *Al-madan*, Série IV, 12, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, pp. 77-79.
- CARDOSO, J. L. (2004): Polished stone artefacts at the prehistoric settlement of Leceia (Oeiras). *Madrider Mitteilungen*, 45, Mainz, Deutsches Archäologisches Institut, pp. 1-32.
- CARDOSO, J. L. (2006): A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9 (1), Lisboa, Direcção Geral do Património Cultural, pp. 21-46.
- CARDOSO, J. L. (2007): As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 14, Oeiras, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras, pp. 9-276.
- CARDOSO, J. L. (2009): O povoado pré-histórico do Carrascal (Oeiras) e os rituais associados a grandes bovídeos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, Oeiras, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras, pp. 357-370.
- CARDOSO, J. L. (2014): O povoado calcolítico fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa): resultados das escavações efectuadas (2003-2006). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21, Oeiras, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras, pp. 217-294.
- CARDOSO, J. L.; ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; REGO, M. (2014): Outurela I e Outurela II, dois pequenos sítios da Idade do Ferro a norte do estuário do Tejo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, 21, p. 393-428.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1995): O Povoado Pré-histórico de Montes Claros (Lisboa). Resultados das escavações de 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, Oeiras, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras, pp. 277-298.
- CARDOSO, J. L.; CARVALHOSA, A. de B. (1995): Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análise de proveniências. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, Oeiras, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras, pp. 123-151.

- CARDOSO, J. L.; MULLER, R. (2008): The origin and use of copper at the chalcolithic fortification of Leceia (Oeiras, Portugal). *Madrider Mitteilungen*, 49, Wiesbaden, Deutsches Archäologisches Institut, pp. 64-93.
- CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. S.; MONJARDINO, J.; CARREIRA, J. R. (1986): A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Revista Municipal*, Série II, 15, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 3-18.
- CLEMENTE-CONTE, I.; MAZZUCO, N.; SOARES, J. (2014): Instrumentos para siega y procesado de plantas desde el Calcolítico al Bronce antiguo de Chibanes (Palmela, Portugal). *Trabajos de Prehistoria*, 71 (2), Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 330-342.
- CORREIA, V. (1913): *Lisboa prehistorica III. A estação da Cêrca dos Jerónimos*. Lisboa, Imprensa Progresso.
- NETO, N.; REBELO, P.; CARDOSO, J. L. (2015): O povoado do Neolítico Final e do Calcolítico da Travessa das Dores (Ajuda - Lisboa). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 22, pp. 235-280.
- NETO, N.; REBELO, P.; SANTOS, R. (2015): Neoépica Lda. Principais intervenções em 2013. *Al-madan*, Série II, 19, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, pp. 170-171.
- PAIS, J. et alii (2006): *Notícia explicativa da folha 34 - Lisboa*. Lisboa, Instituto Nacional de Engenharia Tecnologia e Inovação, p. 9.
- PIMENTA, J.; SOARES, A.; MENDES, H. (2013): Cronologia absoluta para o povoado pré-romano de Santa Sofia (Vila Franca de Xira). *Cira Arqueologia*, 2, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 181-194.
- SOUSA, A. C. (2008): Arqueologia na A21. Uma análise preliminar, dos trabalhos arqueológicos 2004-2007. *Boletim Cultural 2007*, 1ª ed., Mafra, Câmara Municipal de Mafra, pp. 411-497.
- SOUSA, A. C.; GONÇALVES, V. S. (2015): Fire walk with me. O sítio de Cova da Baleia e as primeiras arquiteturas domésticas de terra no Centro e Sul de Portugal. *5.º Congresso do Neolítico Peninsular (Lisboa, 2011)*. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, pp. 123-142.
- VAULTIER, M.; ZBYSZEWSKI, G. (1947): Estação pré-histórica da Junqueira. *Lisboa e seu termo*, vol. 1, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 9-34.
- VIEIRA, V. (2013): Um possível fragmento de *bucchero nero* Etrusco na Travessa das Dores - Ajuda (Lisboa). *Cira Arqueologia*, 2, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 220-223.